

<table border="1"><tr><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td></td><td></td><td></td></tr></table>										Santuários de Fronteira na Grécia Antiga	Out / 2009
labeca		1 de 8									

DINIZ, S.

2009. Santuários de fronteira na Grécia antiga. SP. Labeca- MAE/USP.

[revisão Labeca]

A visão mais difundida sobre os santuários gregos é a de um edifício monumental erguido em meio ao centro urbano, normalmente, na acrópole. Embora, em parte, esta imagem se concretize, havia uma maior variabilidade de localização, função e sentido dos santuários existentes ao longo do mundo grego, a partir do século VIII a.C., período em que se inicia a consolidação de comunidades denominadas *póleis*.

A pólis era a estruturadora da relação com o mundo divino. Ela determinava os procedimentos das atividades culturais e rituais, os calendários e os eventos festivos. O culto dava coesão social e identidade, expressava sentimento comunitário e promovia laços de identidade entre os cidadãos; era, portanto, um dos articuladores mais importantes da existência da pólis, além de que, de modo geral, as atividades cívicas eram impregnadas do que denominaríamos religião.

Como sabemos, toda comunidade políade colocava-se sob a proteção de uma divindade, com a qual mantinha uma relação especial. Tal vínculo era garantido pelos ritos realizados em honra da deidade em questão que, em troca, mantinha a existência ordenada da pólis.

A articulação da religião com a pólis indica já a relevância que os santuários possuíam para tais comunidades. O santuário políade principal era o espaço onde toda a comunidade se reunia para ritos que celebrassem as divindades respectivas. O culto aí era um dos principais ritos de integração social.

Vários autores perceberam, já há vários anos, o aparecimento e o florescimento de santuários como um dos indícios para a consolidação da pólis. No entanto, foi Polignac que apresentou um estudo sistemático do papel condicionador do culto para a formação da pólis em fins do período Geométrico e início do Arcaico, e desenvolveu um modelo que dava conta de explicar a articulação entre santuários e a ascensão de diversas *póleis*. Embora tal modelo hoje seja submetido a diversas críticas, ele é notório justamente pela atenção que despertou em vários pesquisadores pela busca de vínculos entre dados que são ligados imediatamente ao culto e ao contexto social e político da pólis.

De acordo com o modelo de Polignac, os santuários de fronteira desempenharam papéis relevantes e até prioritários para as *póleis*. Segundo

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Santuários de Fronteira na Grécia Antiga	Out / 2009
labeca		2 de 8									

esse autor, tais sítios de culto seriam a instituição e o espaço agregador do elemento humano da pólis, o campo cultural principal em que a sociedade se reproduzia e seus membros expressavam consenso sobre seus laços de identidade. A localização dos santuários em pleno território ocorria como uma maneira de trazer o espaço para a ordem, tornando-o parte da existência cultural da pólis mediante a sanção dos deuses.

Embora os santuários de fronteira fossem os mais relevantes material e socialmente existiam, nitidamente, santuários em outros tipos de localização. Havia aqueles situados dentro da *ásty*, a área urbanizada da pólis. Além destes, ao longo da *khóra*, havia santuários de dimensões modestas que podem ser considerados de importância menor do que aqueles extra-urbanos, situados nas fronteiras.

O fim do período Geométrico é marcado pelo surgimento de grandes santuários distantes do *hábitat*. Eles constituíam a estrutura arquitetônica mais relevante na paisagem e eram providos, muitas vezes, de grandes riquezas na forma de oferendas votivas. Por outro lado, nessa época, os assentamentos que mais tarde se tornariam *póleis* notórias, tais como Argos, Corinto e Atenas, eram difusos e desprovidos de estruturas nítidas que simbolizassem a identidade coletiva.

As teorias mais antigas tentaram interpretar o aparecimento desses locais de culto como reativações de práticas religiosas que remontavam à Idade do Bronze, o que justificaria sua disposição isolada. De modo diferente, Polignac preferiu interpretar a disposição dos santuários na paisagem como atitudes intencionais de comunidades sedentárias que buscavam afirmar a posse do território.

O mesmo autor propôs interpretações do modo como tais sítios de culto eram elementos ativos na vida das comunidades que os freqüentavam. Os deuses normalmente cultuados nos santuários de fronteira eram Apolo, Hera e Ártemis. Atena, por um lado, já no período Arcaico, era objeto de adoração dentro dos assentamentos e, portanto, era a protetora por excelência da *ásty*. Até certo ponto, Poseidon também era cultuado em santuários importantes a partir do Geométrico, principalmente junto a portos. Tal recorrência de divindades nos santuários mais importantes da paisagem grega torna o estudo do desenvolvimento de tais cultos uma questão relevante.

Os gregos opunham a civilização à selvageria e expressavam tal contrariedade em categorias específicas do espaço. O espaço civilizado da *ásty* e da *khóra* era contraposto às zonas selvagens. As áreas liminares de fronteiras

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Santuários de Fronteira na Grécia Antiga	Out / 2009
labeca		3 de 8									

da pólis representavam o ponto de contato e de isolamento e, assim, de mediação entre ambas as zonas.

Constatou-se a falta de relação entre as esferas de ação normalmente atribuídas a Apolo e a Hera e a situação de seus santuários na paisagem da *khóra*. Hera, divindade do matrimônio legítimo e da vida doméstica, e Apolo, deus fundador de cidades e protetor da civilização, eram honrados em plena área extra-urbana. Tal estado de coisas indica claramente que a *khóra* era um elemento central da pólis e, portanto, ordenado pela civilização. Igualmente Ártemis, a deusa das fronteiras da vida civilizada, possuía cultos dentro do espaço urbano e periurbano.

Os cultos de Apolo, Hera e Ártemis, as três divindades mais recorrentemente cultuadas em espaço liminar, apresentam traços comuns em relação aos âmbitos de atividade em seus santuários extra-urbanos. Todos esses deuses tinham um papel garantidor de fertilidade da terra e dos homens, além de protetor da juventude e dos ritos de passagem a esta vinculados, função esta denominada *Kourotrophia*. Também a guerra estava sob a esfera de ação de tais divindades, tal como explicitam as oferendas de armas, os mitos relativos aos cultos e os ritos. As fontes históricas antigas, igualmente, associavam tais santuários a conflitos importantes ligados com a formação de territórios de certas pólis.

Um olhar breve sobre algumas práticas cultuais pertinentes explicitam como os deuses em questão desempenhavam seu papel protetor. O caso do santuário de Hera de Argos, o Heraion, apresenta-se como o exemplo mais explorado por Polignac para construir seu modelo da consolidação dos santuários de fronteira. O culto é datado do início do século VIII a.C. e um templo monumental foi erguido no século seguinte. Esse santuário foi interpretado como um meio de apropriação do território pela pólis de Argos, então em ascensão, frente à hegemonia na planície da Argólida. O festival devotado a Hera, os Heraia, era caracterizado por uma procissão liderada pela sacerdotisa sobre um carro de boi, que partia da *ásty* de Argos, perpassava toda a *khóra*, até alcançar o santuário. Tal procissão remonta pelo menos ao início do século V a.C. e funcionava como uma atualização simbólica da posse do território. O resto da festa era marcado por uma hecatombe – um sacrifício de 100 bois –, e por concursos atléticos de adolescentes, cujo prêmio era um escudo. Percebe-se que o santuário era associado à passagem dos jovens para a vida adulta, o que decorria do caráter *khourotrophos* da deusa, protetora da fertilidade e da continuidade das gerações. A guerra igualmente estava sob sua proteção, como atestam as oferendas votivas encontradas no contexto do santuário, bem como

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Santuários de Fronteira na Grécia Antiga	Out / 2009
labeca		4 de 8									

a supramencionada premiação com escudos e alguns mitos sobre a origem do santuário.

Os Heraia de Peracora e de Samos exibem igualmente um desenvolvimento precoce. A península de Peracora pertencia a Corinto, e o santuário de Hera existente ali demarcava seu ponto limite em relação a Mégara. O Heraion esteve envolvido nas disputas pela península de Peracora, as quais aconteceram no século VIII a.C., tal como ocorria com outros santuários liminares contemporâneos. Datado deste mesmo século, seus indícios arqueológicos indicam a riqueza de que foi provido o culto de Hera durante essa época. Neste local, o culto da deusa também possuía caráter *kourotrophos*.

O Heraion de Samos foi erigido no limite nordeste da ilha, diante da Ásia Menor. Ele representava o ponto de mediação da pólis de mesmo nome com o mar e o continente. Ele também era de grande riqueza. O festival anual de Hera, os *Tónea*, centrava-se tematicamente no casamento de Hera e, portanto, nos momentos de passagem da adolescência para a condição de adulta. A procissão a partir da *ásty* era um ponto marcante deste festival, tal como em vários outros santuários limítrofes.

O deus Apolo possuía um culto importante em Amyklai, local situado na fronteira do território da pólis de Esparta. Ali, Apolo *Amyklaios* era venerado em conjunto com o herói da vegetação, Iacinto. A celebração mais importante do calendário religioso espartano era vinculada a esse santuário e chamava-se *lacíntias*. Tal festival possuía o seguinte percurso: lamentação pela morte acidental do herói, seguida de uma procissão de Esparta até Amyklai. Por fim, havia uma celebração em que competições agonísticas entre meninos e meninas adolescentes se sucediam e realizava-se um banquete com os produtos da terra. Nas *lacíntias*, o caráter guerreiro de Apolo era enfatizado no rito de apresentação da couraça de Timoleonte, o fundador da organização militar espartana. Igualmente, as oferendas votivas depositadas no santuário de Amyklai evocavam o mundo do guerreiro hoplita, já que consistiam de escudos e também de trípodas. Novamente, é possível perceber o propósito de se vincular divindades de iniciação com a guerra e com a coletividade de cidadãos.

Em Dídima, havia um importante santuário de Apolo Didimaios datado do século VIII a.C., o Didimaion, no qual se desenvolveu um importante oráculo, embora não fosse pan-helênico como o de Delfos. Uma família aristocrática de Mileto controlava seu culto. Tal santuário foi edificado em posição oposta à *ásty*. Uma procissão durante o festival anual do deus expressava a relação entre santuário liminar e pólis. Um enorme templo foi construído no século VI a.C., o

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Santuários de Fronteira na Grécia Antiga	Out / 2009
labeca		5 de 8									

que coloca o Didimaion em desenvolvimento análogo ao Heraion de Samos.

Existiam vários santuários de Ártemis nos pontos liminares das *póleis* gregas. O santuário de Límnai era dedicado a Ártemis Limnatis e se situava na fronteira entre a Lacônia e a Messênia. Tal terreno era motivo de disputa entre espartanos e messênios, o que mostra a ligação deste santuário de fronteira com as guerras territoriais. Igualmente, na fronteira entre a Lacônia e a Arcádia, em Cárias, havia um santuário de Ártemis. Os rituais praticados nos santuários de Ártemis vinculavam-se quase sempre a ritos de passagem de adolescentes, por causa do caráter *kourotrophos* dessa deusa. Assim como ocorria com outras divindades privilegiadas em fronteiras, ela protegia tanto a fecundidade humana quanto a natural.

As críticas dirigidas à interpretação dos santuários extra-urbanos propostas por Polignac vinculam-se primeiramente à sua capacidade representativa, isto é, se ela dá conta da maioria dos desenvolvimentos históricos particulares das *póleis*. Neste sentido, alguns duvidam que seja possível atribuir funções e sentidos comuns a todos os santuários extra-urbanos fronteiriços. O fato é que os estudos de caso vêm confirmar ou contrariar a efetividade de tal modelo em algum ou outro aspecto.

A Arcádia mostra-se um caso em que os santuários extra-urbanos liminares possuíam outros sentidos na paisagem para as respectivas comunidades que os freqüentavam. Em tal região, havia uma grande abundância de sítios de culto espalhados em ambientes fora dos assentamentos. Colinas que faziam fronteira entre duas *póleis* eram locais privilegiados para a instalação de santuários, os quais eram freqüentados por indivíduos de ambas as comunidades. Portanto, a instauração de um culto liminar não ocorria em detrimento da comunidade vizinha; o santuário, na verdade, reforçava laços de identidade e simbiose e não a competição.

Em segundo lugar, é necessário constatar se a edificação de santuários liminares era uma maneira generalizada de se constituir marcos fronteiriços entre as *póleis*. Até o momento, os dados são negativos a esse respeito. Alguns argumentaram que, na ilha de Lesbos, os locais fronteiriços eram demarcados por fortalezas (frúria). O fato é que somente a partir do século V a.C., quando as *póleis* de Lesbos estavam consolidadas, os frúria ganharam importância.

De qualquer forma, a classificação dos santuários e sua interpretação permitem organizar os dados para o estudo, embora não impeçam que se tente observar a diversidade de funções e sentidos que os santuários de fronteiras desempenhavam no mundo grego.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Santuários de Fronteira na Grécia Antiga	Out / 2009
labeca		6 de 8									

O mundo colonial grego da Magna Grécia e Sicília apresenta grande quantidade de santuários extra-urbanos e liminares, principalmente dedicados às divindades femininas. Tal fenômeno despertou a atenção dos estudiosos e gerou mais de uma interpretação. A mais antiga afirmava que os cultos femininos em santuários extra-urbanos decorriam de sobrevivências culturais da população autóctone preservadas em meio grego. O fato de tais santuários estarem em situação marginal em relação à *ásty* tornava difícil para os estudiosos aceitarem seu papel importante para a pólis. Também porque não se possuía grande interesse pelo estudo da constituição dos territórios das *póleis* gregas ocidentais (e também das *póleis* da Grécia propriamente dita).

Na década de 60, o arqueólogo Georges Vallet propôs, como hipótese preliminar, a centralidade dos santuários na dinâmica da construção das *khórai* nas *póleis* coloniais. Polignac deu seqüência a tais hipóteses e acrescentou a seu modelo os santuários de fronteira da Magna Grécia e da Sicília.

A recorrência desse tipo de santuário na paisagem do ocidente grego era um tanto variada. Certas cidades, tais como Posidônia, Crotona, Metaponto, na Magna Grécia, Siracusa e Selinonte, na Sicília, eram demarcadas por grandes santuários monumentais na *khóra*, de grande riqueza. Por outro lado, Gela e Megara Hibleia, na Sicília, eram providas de vários santuários periurbanos de dimensões e riqueza modestas. Além disso, havia outras *póleis*, tal como Eléia, que possuíam santuários só na *ásty*.

O santuário extra-urbano de fronteira, considerado em si um ato de fundação nas colônias, deve ser avaliado de modo distinto daqueles edificadas na Grécia de leste, por causa do contexto histórico e sociocultural específico em que se desenvolveram as *póleis* coloniais. Os santuários funcionavam como uma afirmação da soberania grega em terreno estrangeiro, gestos fundadores da ordem civilizada em meio ao caos e afirmação da identidade grega em vista de uma alteridade imediatamente experienciada. Por outro lado, tais centros de culto atuavam como instrumentos de mediação dos gregos com a população nativa, de interação com essa mesma e, enfim, de integração desse outro à ordem grega.

Sob outro ponto de vista, os santuários liminares das colônias funcionavam como uma forma de apropriação legítima do território também em vista de outros gregos competidores pela posse das novas terras.

Alguns exemplos de histórias de santuários permitem concretizar tais asserções. Algumas divindades surgiam com mais freqüência nos contextos dos cultos extra-urbanos, mas sem excluir a possibilidade de que fossem

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Santuários de Fronteira na Grécia Antiga	Out / 2009
labeca		7 de 8									

veneradas dentro da *ásty*, tal como ocorria na Grécia. Hera é uma divindade que, incontestavelmente, aparece nos cultos liminares. No entanto, alguns autores propuseram que sua presença nesses contextos era limitada às colônias aquéias, já que seus santuários mais notáveis ocorriam em fronteiras colonizadas por essa etnia.

Em Metaponto, Hera foi provida de um santuário monumental junto à fronteira dessa pólis com a de Tarento, o assim chamado Tavole Palatine, datado de meados do século VI a.C. A competição entre Síbaris e Tarento pela posse de Síris é bem conhecida e a tentativa, da primeira, de barrar a expansão tarentina sobre o território sirita. A fundação de Metaponto, instigada por Síbaris, estava vinculada a esse intuito. Neste caso, o contexto histórico é capaz de indicar os propósitos da edificação desse santuário tão grandioso, embora ela tenha ocorrido umas três décadas depois da fundação de Metaponto.

Em Posidônia, junto à foz do rio Sele, foi edificado um templo de dimensões monumentais em honra a Hera, em fins do século VI a.C. Neste caso, o santuário havia sido fundado a fim de que fosse realizada uma mediação com a população etrusca, a qual habitava a outra margem do Sele. Posidônia era uma colônia com interesses tanto agrários quanto comerciais.

Síbaris fornece um caso em que o uso da força deve ter sido utilizado contra os nativos para integrá-los à pólis. O santuário de Atena em Francavilla Marítima foi construído sobre o sítio indígena, imediatamente após sua destruição pelos colonizadores recém-chegados, o que indica coerção da parte destes últimos. Desta forma, a rica planície em que eles se instalaram foi apropriada e, conforme atestam as oferendas votivas, tantos os gregos quanto os indígenas freqüentavam o Atenaion. Esse santuário era, portanto, um ponto de contato com a população autóctone.

Referências Bibliográficas:

POLIGNAC, F.

1995. *La Naissance de la Cité Grecque*. Paris, Éditions La Découverte.

SPENCER, N.

1995. *Time Tradition and Society in Greek Archaeology: Bridging the 'Great Divide'*. Londres, Routledge.

<table border="1"><tr><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td></td><td></td><td></td></tr></table>										Santuários de Fronteira na Grécia Antiga	Out / 2009
labeca	8 de 8										

SOURVINOU-INWOOD, C.

2000. What is Polis Religion? In: R. Buxton (Ed.), *Oxford readings in Greek religion*. Oxford, Oxford University Press: 13-37.

VALLET, G.

1996. *Le Monde Grec Coloniale d'Italie du Sud et de Sicile*. Roma, Collection de l'Ecole Française de Rome.